

A PÉRSIA E O PLANALTO IRANIANO: APONTAMENTOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

PERSIA Y LA MESETA IRANÍ: APUNTES PARA LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA ANTIGUA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

PERSIA AND THE IRANIAN PLATEAU: NOTES FOR THE TEACHING OF ANCIENT HISTORY IN COMPULSORY EDUCATION



Luciano Marcos CURI¹
e-mail: lucianocuri@iftm.edu.br



Ana Lúcia Araújo BORGES²
e-mail: analuciaborges@iftm.edu.br



Camila Adriane Almeida SILVA³
e-mail: camilaadriane4857@gmail.com

Como referenciar este artigo:

CURI, L. M.; BORGES, A. L. A.; SILVA, C. A. A. A Pérsia e o Planalto Iraniano: Apontamentos para o ensino de história antiga na Educação Básica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023101, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.18412>



- | Submetido em: 29/08/2023
- | Revisões requeridas em: 15/09/2023
- | Aprovado em: 11/10/2023
- | Publicado em: 01/11/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), Uberaba – MG – Brasil. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET – IFTM) e do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica ofertado em Rede Nacional (ProfEPT). Pós-Doutor em História Social e pós-doutorando em Educação.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), Uberaba – MG – Brasil. Professora Permanente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica ofertado em Rede Nacional (ProfEPT).

³ Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam), Patos de Minas – MG – Brasil. Estudante do Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática Integrado ao Ensino Médio, bolsista PIBIC EM CNPq na época que essa pesquisa teve seu primeiro desenvolvimento.

RESUMO: O artigo aborda a história do Planalto Iraniano e de seus povos, entre eles, os Persas e suas relações com os gregos antigos no início do que posteriormente ficou conhecido como Civilização Ocidental. Objetivou-se evidenciar que o ensino de história antiga no Brasil precisa ser repensado para evitar imprecisões, generalizações e incoerências frequentes, entre outros, em boa parte da bibliografia disponível sobre o tema. Para isso, apoiou-se em pesquisas arqueológicas e históricas mais recentes, que são contribuições teóricas decisivas para compreender os povos do Planalto Iraniano em sua diversidade e historicidade. Trata-se de uma pesquisa básica, qualitativa, exploratória, explicativa e que utilizou-se de procedimentos bibliográficos e documentais. Concluiu-se que os povos antigos devem ser estudados de modo contextualizado. Os povos do Planalto Iraniano precisam ter sua diversidade compreendida e não podem ser tratados como se fossem todos iguais. Desse modo, embora os Persas sejam o povo mais conhecido e estudado do planalto, eles não foram os únicos. Assim, o artigo discute uma temática sobre a qual existem poucas pesquisas no Brasil e procura colaborar com a tarefa do ensino de história antiga no país, neste caso sobre os povos do Planalto Iraniano. Portanto, trata do papel dos Persas nas origens do Ocidente, mas procura não se limitar a essa questão. Por fim, salienta-se a pertinência do estudo da antiguidade na Educação Básica e faz alguns apontamentos para contribuir com esta importante tarefa.

PALAVRAS-CHAVE: Irã. Mundo Antigo. Educação. Ensino. Planalto Iraniano.

RESUMEN: *El artículo aborda la historia de la meseta iraní y su gente, incluidos los persas y sus relaciones con los antiguos griegos al comienzo de lo que más tarde se conoció como la civilización occidental. El objetivo fue resaltar que la enseñanza de la historia antigua en Brasil necesita ser repensada para evitar frecuentes imprecisiones, generalizaciones e inconsistencias, entre otras, en gran parte de la bibliografía disponible sobre el tema. Para lograrlo, se basó en investigaciones arqueológicas e históricas más recientes, que son contribuciones teóricas decisivas para comprender a los pueblos de la meseta iraní en su diversidad e historicidad. Se trata de una investigación básica, cualitativa, exploratoria, explicativa que utilizó procedimientos bibliográficos y documentales. Se concluyó que los pueblos antiguos deben ser estudiados de forma contextualizada. La gente de la meseta iraní necesita que se comprenda su diversidad y no se les puede tratar como si fueran todos iguales. Así, aunque los persas son el pueblo más conocido y estudiado de la meseta, no fueron los únicos, ni los primeros ni los últimos en esa región. Así, el artículo aborda un tema sobre el cual hay poca investigación en Brasil y busca colaborar con la tarea de enseñar la historia antigua en el país, en este caso sobre los pueblos de la Meseta iraní. Por tanto, aborda el papel de los persas en los orígenes de Occidente, pero no busca limitarse a esta cuestión. Finalmente, se destaca la relevancia del estudio de la antigüedad en la Educación Básica y se realizan algunos apuntes para contribuir a esta importante tarea.*

PALABRAS CLAVE: Irán. Mundo Antigo. Educación. Enseñanza. Meseta Iraní.

ABSTRACT: *The article addresses the history of the Iranian Plateau and its people, including the Persians and their relations with the ancient Greeks at the beginning of what later became known as Western Civilization. The objective was to highlight that the teaching of ancient history in Brazil needs to be rethought to avoid frequent inaccuracies, generalizations and inconsistencies, among others, in much of the bibliography available on the subject. To achieve this, it was based on more recent archaeological and historical research, which are decisive theoretical contributions to understanding the people of the Iranian Plateau in their diversity and historicity. This is a basic, qualitative, exploratory, explanatory research that used bibliographic and documentary procedures. It was concluded that ancient people must be studied in a contextualized way. The people of the Iranian Plateau need to have their diversity understood and cannot be treated as if they were all the same. Thus, although the Persians are the best known and studied people on the plateau, they were not the only ones, neither the first nor the last in that region. Thus, the article discusses a topic on which there is little research in Brazil and seeks to collaborate with the task of teaching ancient history in the country, in this case about the people of the Iranian Plateau. Therefore, it deals with the role of the Persians in the origins of the West, but seeks not to limit itself to this issue. Finally, the relevance of the study of antiquity in Basic Education is highlighted and some notes are made to contribute to this important task.*

KEYWORDS: *Iran. Old World. Education. Teaching. Iranian Plateau.*

Considerações iniciais

A Pérsia é uma referência conhecida no imaginário ocidental. Geralmente, a palavra remete aos famosos tapetes persas, à *Ciro*, o rei fundador do Império Aquemênida, ao Medalhão Persa, à expressão *mercado persa*, ao gato Garfield dos desenhos animados, um gato persa, à Lima da Pérsia, à rainha Atossa (550 a 475 a.C), um dos casos mais antigos conhecidos de câncer de mama da história e sua respectiva extirpação, entre outras tantas referências (BURNS, 1997; CAUTI, 2015; MUKHERJEE, 2012).

No entanto, por trás de uma referência tão conhecida pode morar também um profundo desconhecimento dos povos, culturas e civilizações que se desenvolveram no Planalto Iraniano, lar dos persas, mas não apenas deles (SÁNCHEZ, 2011; DARYAEE, 2012; PINTO, 2018).

A expressão *Pérsia* pode referir-se a povos distintos, localizados em momentos históricos diferentes e, muitas vezes, fazendo alusão a culturas variadas. Onde hoje se encontra o país chamado Irã, localizado no planalto iraniano, foi o local no qual várias culturas e civilizações desenvolveram-se: elamitas, gutis, lulubis, cassitas, medos, persas, partos, sassânidas, safávidas e os árabes iranianos. Portanto, a prática de chamar todos esses povos de Persas, embora comum, é desprovida de precisão histórica (PINTO, 2018).

Ocorre, contudo, que os persas se tornaram tão conhecidos, principalmente devido à guerra com os Gregos, às famosas Guerras Médicas (ou Greco-Pérsicas), que eles passaram a ser utilizados como referência para nomear tudo e todos da região onde viveram, ou seja, o Planalto Iraniano⁴.

É neste sentido que alguns livros de história se referem aos *Impérios da Pérsia*. Alguns autores usam a expressão *Pérsia* como equivalente a *Planalto Iraniano*. Esta prática, porém, não é muito adequada e fomenta incompreensões (SÁNCHEZ, 2011; PARKER, 1995). Existem inúmeros estudos sobre História Antiga nos Livros Didáticos que apontam diversas inconsistências no tratamento desta temática (SILVA, 2000; FUNARI, 2004; BARNABÉ, 2014; CASSIANO, 2017; ASSUMPÇÃO; COSTA CAMPOS, 2020). Dispõem-se até de estudos publicados sobre História Antiga no Ensino Superior (MORALES, 2017). Todavia, especificamente sobre o tema dos povos do Planalto Iraniano em sua diversidade e sua relação com o ensino na Educação Básica, nenhum estudo foi encontrado.

A notoriedade dos persas pode ofuscar os outros povos do Planalto Iraniano (SÁNCHEZ, 2011; DARYAEE, 2012; PINTO, 2018). É verdade que alguns desses povos que surgiram depois dos persas e herdaram algumas de suas características culturais e religiosas passaram a reivindicar filiação com estes. Esse é o caso dos safávidas. Contudo, trata-se quase sempre de uma reivindicação cultural ou mesmo histórica cujo objetivo é construir novas nações a partir de um passado glorioso dos antigos persas. Por fim, até 1935, o atual país chamado Irã adotava o nome de Pérsia, o que seguramente contribuía para a incompreensão histórica do que ocorreu naquela região (BURNS, 1997).

É importante destacar que o termo *Persas* deriva da palavra grega *Persís* que provém de *pārsa*, palavra do antigo idioma persa. O termo *Persís* foi uma transposição para o idioma grego do nome da região conhecida como *Persis* (Pars, Parsa), atual província de Fars no Irã moderno. Esse termo foi muito utilizado no Ocidente desde a antiguidade, por influência dos historiadores gregos. Atualmente ele se refere predominantemente ao Império Aquêmenida, iniciado por Ciro, que foi constituído pelo povo Persa (SÁNCHEZ, 2011).

Quanto ao termo Irã, este provém da palavra *arianos* (do persa antigo *ariya*, plural *ariyanam*), que ao longo da história adquiriu o significado de Terra dos Arianos e depois de designativo da ideia de existência de raças humanas. Ou seja, o termo *ariano* passou a referir-se aos povos indo-europeus que dominaram a região do planalto iraniano no final do segundo

⁴ Apenas a título de exemplo as guerras médicas foram abordadas em três filmes: 1) Os 300 de Esparta (1962) de Rudolph Maté; 2) Os 300 de Zack Snyder de 2007; 300: a Ascensão do Império (2014) de Noam Murro.

e início do primeiro milênio a. C. (SÁNCHEZ, 2011; DARYAEE, 2012). Esse é o termo preferido pelos habitantes do Planalto Iraniano e desde 1935 é o que nomeia o país existente na região. Em suma, eles deixaram de usar um nome que se tornou ocidentalizado e passaram a usar outro cujas origens remontam a um idioma local. O historiador brasileiro Felipe Ramos de Carvalho Pinto explica as mudanças históricas ocorridas com o termo Irã.

É neste sentido [...] que, etimologicamente, a palavra “Irã” significa “terra dos arianos”, [...] “no milenar idioma sânscrito, Irã significa ‘terra dos arianos (nobres)’, (tal afirmação) é apenas em parte verdadeira. De fato, Irã deriva de *eran*, que em tempos sassânidas (224 a 651) significava “[território] dos *ariya*”, sendo a designação oficial de seu território *eran shahr* (o mesmo território tinha sido chamado pelos partas (247 a. C a 224 d. C) de *ariyan shahr*). Parcialmente inexata, entretanto, pois existe uma falsa correspondência entre a expressão moderna, “ariano”, e a expressão *ariya*, (esta última) que ocorre em numerosas fontes antigas de diversos períodos, como o Avesta, inscrições em Naqsh-e Rostam e Bisotun, textos védicos e até mesmo em textos gregos. Apesar de o primeiro termo ser inspirado no segundo, seu significado (ariano como raça) está intimamente ligado à Europa do século XIX, ao desenvolvimento da ciência moderna e à ideia de que a humanidade está cindida em raças, e denota um grande grupo racial que reúne indianos, europeus e iranianos modernos, aos quais atribui características psicológicas e biológicas. [...] Se os *aryia* viam-se como diferentes dos *anarya* (não-*ariya*), tal designação era desprovida de quaisquer critérios biológicos, e certamente não englobava nem europeus nem indianos modernos. Parcialmente verdadeira, pois a ideia de “ariano” realmente adquiriu um sentido racial no Irã do século XX, e sem dúvidas é subjacente aos (diversos) discursos [...] proferidos (no atual Irã) (PINTO, 2018, p. 50-51).

Desse modo, esse artigo busca contribuir para esclarecer a trajetória dos povos do Planalto Iraniano, notadamente entre o público de língua portuguesa. É notável, na atualidade, o aumento dos estudos iranianos, ou mesmo persiológicos, como preferem alguns; exemplo disso é a Enciclopédia Irânica, *site* em língua inglesa que disponibiliza grande volume de estudos e conhecimento sobre os povos que viveram no Planalto Iraniano⁵. Além deste, dispõe-se também do *site* Perseus Digital Library, com diversas fontes textuais e traduções. Ambos gratuitos.

Entretanto, em língua portuguesa a situação não é tão favorável, a disponibilidade de material é menor, comparado a outros idiomas. Existem esforços notáveis no Brasil, por exemplo, para suprir lacunas, mas que nem sempre contemplam o tema do presente estudo

⁵ O projeto da Enciclopédia Irânica pretende cobrir mais de três mil anos de história e tem sido financiado por governos e entidades ocidentais, já que o atual governo do Irã não vê com bons olhos o projeto, que pretende abarcar toda história do Planalto Iraniano desde a pré-história até a atualidade. O motivo da reprovação do governo iraniano provém de divergências religiosas. Cf. COHEN, Patrícia. O desafio de concluir um tomo sobre o Irã. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 set. 2011.

(FUNARI; SILVA; MARTINS, 2008). Tal desfavorecimento acaba se refletindo no Ensino de História Antiga, que reproduz lugares-comuns e simplifica a história de uma das regiões mais antigas que foram povoadas pelos seres humanos.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza básica e de abordagem qualitativa. Quanto aos objetivos, trata-se de uma investigação exploratória e explicativa que teve como procedimentos o estudo bibliográfico e documental.

Refere-se a uma pesquisa histórico-conceitual, e para sua realização foi realizada uma revisão bibliográfica de diversas publicações voltadas ao estudo dos povos do Planalto Iraniano, que estão citadas neste artigo.

Apesar da existência de inúmeras publicações, predominam-se certas incompreensões, imprecisões e até confusões que podem refletir no Ensino de História Antiga na Educação Básica. Por isso, procurou-se salientar a importância do estudo da história da Antiguidade e fez-se apontamentos para colaborar com esta importante tarefa.

Assim, neste estudo procurou-se focar no estudo dos povos do planalto, e não apenas dos Persas, para situá-los e contextualizá-los visando auxiliar numa melhor compreensão de sua história.

O Planalto Iraniano e seus habitantes

Inicialmente, é preciso lembrar que o estudo dos povos que viveram no Planalto Iraniano, atual território do país chamado Irã, ou dos povos iranianos, vai além do estudo da Pérsia. O planalto iraniano foi habitado por vários povos antes e depois dos persas e a história dos iranianos não se limita e nem se restringe à história desses (ALVES, 2013).

Antes dos persas, o território iraniano foi habitado pelos elamitas, gutis, lulubis e cassitas. Depois que o império persa declinou e foi dominado pelos macedônicos, no território iraniano surgiram os impérios e povos partos, sassânidas, safávidas, além do posterior domínio dos muçulmanos, os árabes iranianos.

Apesar do fato de os persas terem sido os mais célebres habitantes do Planalto Iraniano, isso não justifica centrar toda análise apenas no período persa. Isso também não se justifica pela dinâmica da própria história. Hoje os persas são uma referência conhecida em todo planeta, mas seu antigo território é contemporaneamente habitado por outro povo, de outra cultura e religião,

os muçulmanos ou árabes iranianos. Estes inclusive, diga-se de passagem, têm orgulho de habitarem o território dos antigos persas e admiram certas obras de sua cultura, como a história de Laila e Majnun (NIZAMI, 2003), entre outras. Contudo, não se ligam a eles em aspectos importantes como a religiosidade, por exemplo (ONCKEN, 1930).

O Planalto Iraniano e sua localização

O Planalto Iraniano está inserido na região do sudoeste asiático, também conhecida como Oriente Médio. Essa região é considerada pelas Nações Unidas uma das macro-divisões da Ásia. Trata-se de uma grande formação geológica na placa Euroasiática meridional (ONCKEN, 1930).

Tradicionalmente, porém, o Egito, embora seja um país majoritariamente africano, é vinculado como parte do Oriente Médio. Isso devido as suas características culturais e religiosas, que o aproximam dos demais países que compõem esse espaço. O mesmo ocorre com a Turquia, que apesar de ter uma pequena parte de seu território na Europa, é também tradicionalmente ligada ao Oriente Médio.

As fronteiras do planalto iraniano são: Sul: Golfo Pérsico; Norte: Montes Alborz (Elburz); Oeste: Montes Zagros; Leste: Cordilheira do Indocuche (Hindu Kush). O planalto possui três grandes rios que são: o Karun, o Atrak e o Safid.

Povoamento do Planalto Iraniano

O planalto iraniano é habitado desde os tempos pré-históricos ou tempos primitivos (PINSK, 1994). Durante esse período, a região foi habitada, inclusive, por outros ancestrais primitivos, como os neandertais.

O primeiro indício de sepultamento deliberado na história humana é o sepultamento neanderthal há não muito mais que 100 mil anos. Um dos sepultamentos mais pungentes aconteceu um pouco mais tarde, há uns 60 mil anos, nas montanhas Zagros ao norte do Iraque (hoje Irã). Um macho adulto foi enterrado na entrada de uma caverna; seu corpo aparentemente havia sido colocado sobre uma câmara de flores de potencial curativo, a julgar pelo pólen encontrado em torno do esqueleto fossilizado (LEAKEY, 1995, p. 148).

Sabe-se que o planalto iraniano fica no entrecruzamento da África, local de origem do ser humano, Ásia e Europa. Portanto, a região foi lugar de muitas andanças, conforme atesta o antropólogo Richard Leakey (LEAKEY, 1995).

Sabe-se que a região também foi lugar de passagem do homem *sapiens* em direção à Índia e à China. A fixação de elementos humanos na região é antiga e está relacionada com a

história que posteriormente ali se desenvolveu. Assim, nesta região, ao longo dos séculos, inúmeros grupos étnicos invadiram o Planalto Iraniano, estabelecendo diversas comunidades, das quais a mais antiga conhecida é a de Sialk (GHIRSHMAN, 1976).

Rastro de presença humana na área que abrange o Irã moderno remonta ao período neolítico, quando tribos de caçadores viviam nas montanhas Alborz e Zagros e numa região próxima ao atual Paquistão. Mas a nação iraniana começou a construir-se a quatro mil anos, a partir de um grupo de povos da Ásia Central, conhecidos como indo-europeus que compartilhavam um idioma semelhante. Os indo-europeus conseguiram ampla superioridade militar e logística, sobre outros povos depois de domesticar o cavalo o que lhes permitiu desbravar horizontes cada vez mais distantes (ADGHIRNI, 2014, p. 125).

Gutis, Lulubi, Cassitas e Elamitas

O historiador francês Michel Mourre ressalta que os primeiros povos do Planalto Iraniano foram os Gutis, Cassitas e Elamitas. Além destes, houve, também, os Lulubi (GHIRSHMAN, 1976). Os elamitas foram os primeiros a fundar um Estado organizado no Planalto Iraniano e os primeiros a constituir também uma civilização, cuja capital ficava na cidade de Susa. Apesar de fixados no Planalto Iraniano, esses povos sempre se ligaram geográfica e historicamente aos mesopotâmicos.

A história persa começa com os povos montanhese estabelecidos no sudoeste do Irão⁶, nas cadeias do Zagros, os Elamitas, os Gutis e os Kassitas⁷. No decurso dos terceiro-segundo milênios, estes povos estiveram em luta com as diversas potências que exerceram sucessivamente a hegemonia na Mesopotâmia; constituíam uma ameaça permanente ao tráfico terrestre entre o Oriente Mediterrânico e a Ásia (MOURRE, 1998, p. 697).

A utilização do conceito de civilização neste estudo carece de uma contextualização e apontamentos para a área do ensino. Este conceito surgiu no século XIX, no contexto do imperialismo europeu e apoiando-se na fundamentação do chamado evolucionismo, que prestou um desserviço, porque moldou percepções de esquemas lineares-evolutivos-valorativos-hierárquicos que são difíceis de serem desfeitos, como a famosa tríade terminológica: *selvageria, barbárie e civilização*. Todavia, neste artigo, não se utiliza mais o conceito de civilização nos termos do século XIX, no singular.

Com o avanço nas pesquisas antropológicas, etnográficas, históricas e culturais no século XX, percebeu-se vários preconceitos embutidos nas análises do século XIX. Deste

⁶ Em português de Portugal escreve-se Irão e não Irã como no português brasileiro.

⁷ Alguns autores escrevem o nome deste povo como cassitas em língua portuguesa.

modo, o conceito de civilização sofreu uma reconfiguração e passou a ser utilizado no plural, referindo-se às sociedades que tiveram certa estabilidade, duração, continuidade e coesão social e cultural, e não mais em supostas superioridades de matriz biológicas.

Na ótica evolucionista do século XIX, a civilização é oposta a barbárie. As sociedades civilizadas são as que que a religião, a moral e os bons costumes. E supõe-se que as sociedades primitivas ou pré-históricas viviam num estado entre selvageria original e a verdadeira civilização. Com o surgimento da antropologia, compreende-se que a civilização não é um atributo das sociedades evoluídas. Todas as sociedades humanas conhecem uma forma de civilização que chamamos de “cultura”. O uso tradicional da palavra “civilização”, no singular, tende, pois, a desaparecer. Doravante fala-se de “civilizações”: a civilização chinesa, a grega, a ocidental, e pode-se falar também de civilizações africanas. O termo civilização remete, então, a uma área cultural, estável a longo prazo, marcada por algumas grandes características próprias (DORTIER, 2010, p. 77-78).

Para alguns analistas, o conceito de civilização lembra ranços de darwinismo social e imperialismo, e assusta anti-eurocêntricos e decolonialistas atuais, por exemplo, situação que é fruto de maus usos do conceito no passado, notadamente no século XIX. Receio esse que tem fundamento. Uma definição do conceito de civilização nestes moldes condenáveis, que na atualidade rejeita-se, encontra-se formulado com precisão pelo historiador Carlos Renato Carola.

Sedimentou-se na cultura ocidental, a partir do século XVIII principalmente, um modelo explicativo de ver e ordenar a história com base em três poderosas ideologias: civilização, progresso e evolução. De certa forma, elas ainda dominam o pensamento intelectual no Ocidente. A ideia de “civilização” preconiza uma suposta superioridade cultural de uma sociedade em relação a outras. A ideologia moderna de “progresso” exalta o desenvolvimento econômico e tecnológico como indicador inquestionável do avanço definitivo da cultura humana sobre as forças e recursos da natureza. É o sentido de “evolução” – que primeiramente expressava o desenvolvimento progressivo de espécies do mundo natural, conforme a teoria darwinista do século XIX – transitou rapidamente para o mundo social humano e estabeleceu uma hierarquia entre culturas, sociedades e instituições (CAROLA, 2009, p. 173).

Contudo, o conceito de civilização guarda sua pertinência de utilização no sentido histórico-arqueológico e não no sentido evolutivo do século XIX. Portanto, é utilizado para sinalizar a mudança de sociedades primitivas, no sentido de primeiras e originárias e não de atrasadas, para sociedades complexas, que são entendidas como aquelas dotadas de maior diversificação social interna (DANIEL, 1970; FERNANDES; ROVAI; LANDINI, 2014; KUPER, 2008; PASTENAK, 2009; PINSKY, 1994; TRIGGER, 2003; WEBER, 1970). O

historiador Fernand Braudel definiu com precisão que as civilizações são culturas dotadas de continuidades (BRAUDEL, 1989).

Portanto, foi neste sentido atualizado do conceito de civilização que nos referimos aos elamitas. Quanto aos Lulubis, quase tudo que conhecemos sobre esse povo deriva das fontes mesopotâmicas. Tratava-se de povos tribais que habitavam as montanhas do Zagros, região oeste do Planalto Iraniano. Foi um povo guerreiro que assediou inúmeras vezes os reinos mesopotâmicos, e tudo indica que foram subjugados pelo rei Naram-Sin, que reinou de 2254 a. C. a 2218 a. C. Várias de suas investidas produziram instabilidade no sul da Mesopotâmia e colaboraram para o fim do Império Acádio. Posteriormente, foram ofuscados por outros povos militarmente mais poderosos que se desenvolveram na região (SCHRAKAMP, 2012).

Os gutis foram um povo formado por tribos pastoris que habitavam a região montanhosa do Zagros na parte nordeste do Planalto Iraniano. Eles sempre foram descritos de maneira pejorativa nas fontes mesopotâmicas, como “*hordas de Gutis*” e “*incontáveis como gafanhotos*”. A referência mais antiga que se tem notícia remonta ao ano de 2200 a. C. nas inscrições cuneiformes dos mesopotâmicos.

Os Gutis não possuíam sistema de escrita e nem técnicas de irrigação ou agricultura, e acredita-se que durante os cinquenta anos de dominação (2150 a 2100 a.C.) sobre os mesopotâmicos tenham interrompido o sistema de tabletes administrativos e que soltaram os animais em rebanhos nômades pela Mesopotâmia, o que causou uma alta dos preços dos alimentos.

Tudo indica que foram os gutis que levaram a dinastia acadiana ao declínio final. Por volta de 2100 a. C., eles foram derrotados por Ur-Nammu, rei da cidade mesopotâmica de Uruk. Durante séculos, os gutis permaneceram como uma citação arquetípica dos inimigos dos mesopotâmicos, inclusive na literatura da época (LEICK, 2010).

Já os cassitas foram referidos como um povo “*bárbaro*” que veio do Planalto Iraniano e invadiu a Mesopotâmia e a dominou por aproximadamente cinco séculos. É importante observar, com relação aos cassitas, que as pesquisas e descobertas recentes mudaram parcialmente a visão que se tinha sobre eles nas últimas décadas.

De todos os povos que habitaram a Mesopotâmia antiga, os Cassitas são os mais misteriosos. Alguns autores viram a sua origem no sudoeste do Irão para onde eles se retiraram mais tarde. Contrariamente aos Hurritas, eles não escreveram nada na sua própria língua (...) O cassita não é uma língua semita e não tem parentesco com o sumério, o hurrita e outras línguas faladas no Próximo Oriente nem com as línguas indo-europeias. Todavia, os Cassitas talvez tivessem contactos antigos, directos ou indirectos, com os indo-

européus. Os Cassitas apareceram pela primeira vez na Mesopotâmia na época babilônica antiga sob a forma de indivíduos isolados ou em grupos, e depois organizados em tribos chamadas de “casa de um dado chefe”. As mais antigas referências datam de cerca de 1800 a. C. Um século mais tarde um cassita denominado Kastililiash tornou-se rei de Hana. E nesse momento e nessa região que começa a longa história da dinastia cassita. Os Cassitas tomam Babilônia após a incursão hitita que pôs fim a sua I dinastia (c. 1595 a. C.). Admite-se que o primeiro soberano cassita desta cidade foi Agum II (SANTOS, 2011, p. 51-59).

Segundo o historiador brasileiro Sinval F. Medina, os cassitas não seriam tão “civilizados” quanto os mesopotâmicos, e na sua perspectiva, inclusive, teriam contribuído para a derrocada cultural na região, tese controversa na atualidade.

Cassitas: povo bárbaro proveniente da Ásia Central que, em 1750 a. C. invadiu a Mesopotâmia, pondo fim ao antigo império babilônico. Em virtude de seu baixo estágio cultural, os cassitas não souberam aproveitar o legado da civilização babilônica. A parte sul da Mesopotâmia mergulhou num período de retrocesso que durou aproximadamente seiscentos anos. O estranho modo de vida dos cassitas, apascentavam enormes manadas de cavalos, introduziu este animal em larga escala na Mesopotâmia, provocando uma verdadeira revolução nos meios de transporte da época. Os conhecimentos acumulados durante séculos por sumerianos, acadianos e babilônicos não se perderam no torvelinha das invasões bárbaras. Foram assimilados por um povo semita das margens do Tigre, os assírios, que, tempos depois, fundaria um formidável império (MEDINA, 1968, p. 63).

Contudo, de todos os povos anteriores aos persas, os elamitas foram os que mais se destacaram (GIORDANI, 1992). Eles desenvolveram uma sociedade complexa na região e tradicionalmente são considerados como a primeira civilização do Planalto Iraniano. Sua localização geográfica é referida nas fontes antigas como “*a leste da Suméria (na Mesopotâmia)*” (HAMDANI, 1978). Diversos historiadores, a partir de uma perspectiva mesopotâmica, informam que os elamitas localizavam-se na “periferia” da Mesopotâmia (LEVEQUE, 1991). Eles dominaram parte dos povos mesopotâmicos e também foram por eles dominados. Foram derrotados pelos assírios e depois pelos persas, que os incorporaram ao seu império.

Elam – um nome feliz concedido pelos tradutores bíblicos – uma grande nação que ocupava um território indeterminado situado aproximadamente o que hoje se conhece como o atual país chamado de Irã, se bem que na época de seu máximo esplendor alcançava até o Afeganistão, o mar Cáspio e o noroeste da Mesopotâmia. Sua história escrita se estende através de quase três milênios (a. C.), embora sua língua para que chegou a ser utilizada até o século XI de nossa era (CIFUENTES, 2013, p. 11, tradução nossa).

Incluídos no império persa, ou império aquemênida, os elamitas, com o passar dos séculos, deixaram de ser citados, e tudo indica que foram absorvidos pelas práticas imperialistas dos persas.

Medos e Persas

Tradicionalmente, consideram-se os arianos ou indo-europeus como o ponto de início da história da Pérsia (MACKEY, 2008). Esta perspectiva, porém, tem sido questionada por estudos mais recentes, que procuram reconstituir e resgatar a trajetória de todos os povos que viveram no Planalto Iraniano (CULICAM, 1971).

A partir de, aproximadamente, três mil anos atrás chegaram à região do planalto iraniano os povos denominados Medos e Persas, ambos arianos. Inicialmente, os Medos instalaram-se ao norte e os persas ao sul. A partir do século VIII a.C., o imperador medo chamado Déjoces conseguiu unificar sob seu comando todos os povos da região do planalto iraniano, inclusive os persas. Nesta época, os elamitas estavam vinculados à história mesopotâmica e não figuravam, por exemplo, nos planos iniciais de expansão, tanto dos Medos quanto do Persas (SPEAKE, 1999).

Heródoto, considerado o pai da história, narra o episódio da ascensão ao trono de Déjoces e a formação do reino Medo. Narra também a dominação dos Medos sob os Persas efetivada por Fraorte, filho de Déjoces.

C1 — Déjoces reuniu todos os Medos numa só nação, reinando sobre eles. Essa nação compreende vários povos: os Búsios, os Paretacênios, os Estrucatas, os Arizantes, os Búdios e os Magos (HALICARNASSO, 2001, p. 109).

CII — Por sua morte, depois de um reinado de cinquenta anos sucedeu-o no trono seu filho Fraorte. O reino da Média não bastou à ambição deste último. Atacou primeiramente os Persas, submetendo-os ao seu domínio (...). (HALICARNASSO, 2001, p. 109).

Os persas ficaram sob domínio dos Medos até Ciro, por volta de 550 a.C. Nesta data, Ciro, então príncipe dos persas, organizou uma rebelião contra a dominação dos Medos. Essa rebelião obteve sucesso e inverteu a situação política que existia até então no Planalto Iraniano. A partir daí, os Medos tornaram-se vassallos dos persas, o que resultou na fundação do Império Persa Aquemênida.

A nação persa contém diversas tribos, como listado aqui. [...]: os Pasargádios, Maráfios, e Maspianos, sendo os primeiros os mais civilizados de todos. Os

Aquemênidas, dos quais descendem os reis persas, constituem um ramo da tribo dos Pasargadios (HALICARNASSO, 2001, p. 125).

Um aspecto importante a ser destacado é que a região vizinha da mesopotâmia foi habitada antes do Planalto Iraniano por povos semitas. O império assírio, por exemplo, localizado na Alta Mesopotâmia, remonta pelo menos 2 mil anos a.C. Outra informação importante para compreender a história da região é o que ocorreu na Índia. Povos arianos, também vindos do Norte, semelhante aos medos e persas, ocuparam a região indiana e ali estabeleceram a cultura védica da Índia (CULICAM, 1971).

Assim, é importante frisar que os arianos que ocuparam a região do atual Irã foram a origem da Pérsia, e na região da Índia deram origem à cultura védica do famoso sistema de castas. Esse mesmo povo também, na região da Grécia, esteve na origem dos gregos e relacionados ao declínio da sociedade cretense. Desse modo, gregos e persas, que posteriormente se envolveram em guerras e disputas, como as guerras médicas, ou greco-pérsicas, tudo indica, descendiam ancestralmente do mesmo povo ariano (PINSK, 1980).

O Império Persa (Império Aquemênida): de Ciro a Alexandre

A história do Império Persa é a história do primeiro Império Mundial (HOLLAND, 2008). Trata-se, de certa forma, de uma trajetória meteórica. Tanto a ascensão quanto a queda do Império Persa foram relativamente rápidas, comparado aos padrões do mundo antigo. Ao todo, foram 219 anos de existência do Império Persa, iniciando com a ascensão de Ciro ao trono e a subjugação dos Medos em 550 a.C. e terminando com a dominação dos persas por Alexandre Magno em 330 a. C. (FRANCO JR; FILHO, 1994; BRIANT, 1996, 2010).

Ao todo, o Império Persa teve vinte e um reis⁸. Gradualmente, eles tornaram-se senhores do mundo antigo. O estudioso David Asheri argumenta que os persas criaram um novo modelo de dominação. Esse consistia em explorar economicamente os subjugados, porém respeitando sua cultura, religião, leis e até mesmo parte de suas elites políticas. Isso ficou conhecido como “*respeito na derrota*”. Tal princípio, inclusive, foi também aplicado aos próprios persas por Alexandre Magno por ocasião da conquista macedônica (ASHERI, 2006). Essa forma de conduzir a política imperialista era uma novidade no mundo antigo.

Mais tarde, os impérios mundiais, partindo primeiramente da Mesopotâmia. Sua origem foi da necessidade de impedir os constantes ataques de nômades a terra cultivada, mediante a dominação de todos os países circundantes e dos

⁸ Ver Apêndice I no final deste artigo, sobre os reis persas, que foi elaborado para colaborar com tarefa do Ensino de História Antiga. Não foi possível redigir tabelas para todos os povos do planalto iraniano.

nômades mesmos. Assim, nasceram os impérios dos assírios, dos egípcios; e finalmente uma nova forma, a dos persas; acaso seguindo o modelo deste os hindus, e mais tarde os chineses (JASPERS 1965, p. 73, tradução nossa).

O exemplo mais emblemático dessa política de “*respeito na derrota*” foi o desfecho do que ficou conhecido como Cativo da Babilônia (598 a.C.a 538 a. C). Durante seis décadas, os judeus estiveram exilados na cidade de Babilônia por determinação de Nabucodonosor II. A cidade de Jerusalém foi sitiada, saqueada e o Templo de Jerusalém foi destruído. Uma parte da população foi para o Egito e os demais foram conduzidos forçadamente para a Babilônia.

Quando Ciro II dominou a Babilônia, ele permitiu que os judeus retornassem a Jerusalém e reconstruíssem a cidade e o Templo. Isso, na época, foi utilizado como uma forma de demonstrar a novidade que o Império Persa pretendia implantar. Ou seja, benevolência para os subjugados ordeiros e zelosos. Hoje sabemos que Ciro queria também policiar a fronteira com o Egito, instalando na região um povo ligado aos persas e devedor de grande benemerência (BROSIUS, 2006; JAGUARIBE, 2002).

Ademais, como demonstra Mario Liverani, a situação de Israel no período persa, ou Yehud Persa, não foi muito aprazível, ainda que melhor, comparando-se ao período anterior.

Os grupos de judeus que retornaram para a Palestina graças aos editos imperiais aquemênida encontraram uma região que somente até certo ponto correspondia ao modelo que eles esperavam de uma terra vazia e disponível, pois abrigava grupos mais ou menos importantes de origem diversa. Tratava-se de comunidades camponesas que haviam permanecido em suas terras, ou seja, não foram deportados; tratava-se de deportados de outra procedência assentados na região desde a época assíria; tratava-se de povos limítrofes que haviam aproveitado o relativo vazio para se estender (as cidades costeiras) ou para se mudar (os edomitas); tratava-se, por fim, de grupos resultantes das mais diversas fusões (LIVERANI, 2008, p. 323).

Irã: entre o a Mesopotâmia e a Índia

Outro aspecto importante a ser destacado é a localização geográfica e cultural do planalto iraniano. Geograficamente, localiza-se num planalto ente duas regiões que dispunham de boa hidrografia. A oeste localizava-se a Mesopotâmia, com os rios Tigre e Eufrates. A leste localizava-se a Índia e os famosos rios Ganges e Indo.

Essa fronteira geográfica, com o decorrer dos séculos, também se tornou uma fronteira cultural e política, pois no Planalto Iraniano desenvolveu-se uma civilização diferente da Mesopotâmia e da Índia; ou seja, o Império Persa. Este, apesar de receber influências de ambas as regiões, seguramente, pode-se afirmar que teve, nas influências mesopotâmicas, aquelas mais decisivas (ASHERI, 2006; SÁNCHEZ, 2011).

No decorrer da história persa observa-se um envolvimento maior deles com a Mesopotâmia, com o Egito e com os Gregos do que com os povos orientais. Embora os persas tenham estabelecido pequenos domínios no mundo hindu, que mais tarde transformaram-se numa satrapia, a maior parte de suas conquistas foram, no entanto, no ocidente: Mesopotâmia, Egito e Grécia (ASHERI, 2006; SÁNCHEZ, 2011).

Esta é uma questão importante, porque explica, durante vários séculos seguintes, a existência de várias semelhanças entre os povos do mundo antigo, dado sua proximidade geográfica, que se converteu também em semelhanças culturais e políticas.

A famosa tese do filósofo Karl Jaspers pode ser aqui inteiramente aplicada. Segundo Jaspers, durante o período de 800 a. C a 200 d. C., a China, Índia, Pérsia, Egito e outras civilizações do Oriente Médio compartilharam de várias características culturais em comum. Ele chamou este período de Era Axial. Essa seria uma das razões pelas quais vários povos da antiguidade possuísem certas semelhanças (JASPERS, 1965).

A Pérsia Antiga ou Império Aquemênida

Após a conquista dos Medos por Ciro (Ciro II, o Grande) em 550 a. C., a expansão prosseguiu. Ciro conquistou uma vasta região que se estendia da Anatólia (atual Turquia) até o Afeganistão e a Arábia (AYMARD; AUBOYER, 1998).

Ciro foi sucedido pelo filho Cambises, que governou o império persa de 529 a 522 a. C. Durante seu reinado a expansão continuou. Entre as principais conquistas de Cambises destaca-se o domínio do Egito na famosa Batalha de Pelusa (SÁNCHEZ, 2011).

Após a morte de Cambises, ocorreu uma transição problemática do poder. O sucessor foi Dario I, que se colocou no poder por meio de um golpe. Dario fez inúmeras reformas que se tornaram célebres e estabeleceu um padrão que posteriormente foi imitado por vários outros impérios, como o Macedônico (ou Alexandrino) e Romano.

Dario reformou o sistema administrativo, dividiu o Império Persa em satrapias, que gozavam de certa autonomia política e jurídica, cada uma delas governada por um sátrapa escolhido pelo próprio Dario, que passou a ser chamado Rei dos Reis.

Ele reformou o sistema de leis, impondo penas mais severas. Na economia, unificou o sistema monetário criando a moeda chamada Dárico, que passou a circular em todo o império e favoreceu o desenvolvimento do comércio. Ele criou o recrutamento obrigatório para o exército e a instituição da remuneração para os militares. Na política, mudou a capital de Pasárgada para Persépolis e criou a famosa Estrada Real, com 2.400 quilômetros de extensão e

111 estações de parada e repouso que ligava Susa a Sardes na Anatólia, atual Turquia (AYMARD; AUBOYER, 1998).

No plano militar, no entanto, Dario não obteve o mesmo sucesso. Ele empreendeu uma guerra contra os gregos, na época, um povo marginal no conjunto do mundo persa, e acabou derrotado. Foi a primeira grande derrota dos persas desde sua ascensão como império na época de Ciro, o Grande. Essa guerra ficou conhecida como Primeira Guerra Médica, ou guerra Greco-pérsica. Foi nela que ocorreu o famoso episódio da Batalha de Maratona.

A sucessão de Dario coube a seu filho Xerxes, neto de Ciro. Xerxes retoma a guerra contra os gregos na guerra, que ficou conhecida como Segunda Guerra Médica. Embora os persas tenham obtido vitória na primeira fase da guerra, eles terminam derrotados. Essa guerra tornou-se célebre principalmente para os gregos. Foi nela que ocorreram os notórios episódios da Batalha de Salamina e a Batalha de Termópilas⁹ (SÁNCHEZ, 2011).

Os gregos, no final, foram vitoriosos e a guerra se encerrou com as batalhas de Plateia e Mícale, as duas favoráveis aos gregos. Diversos estudiosos ressaltam a importância das Guerras Médicas para a formação cultural-identitária dos gregos e, posteriormente, do ocidente.

Muitos gregos, ainda que nem todos, procuraram uma unidade comum em termos de parentesco compartilhado, pelo menos duas gerações antes da invasão dos persas. Entretanto, é verdade que a invasão persa teve um efeito na forma como os gregos se enxergavam. [...] Nos séculos VII e VI a.C., o Oriente era um objeto de fascinação exótica para os gregos, ou pelo menos nas elites gregas, mas a invasão persa e a ascensão concomitante da democracia em várias cidades gregas - prática que servia à marginalização de muitas das práticas das elites - gerou uma visão negativa dessa região. A palavra ‘bárbaros’ - tanto o adjetivo quanto o substantivo - registrada apenas ocasionalmente antes da invasão, entra agora no uso comum para designar não apenas os persas, mas todos os outros grupos de não-gregos, sem qualquer diferenciação (HALL, 2001, p. 220).

Um senso de unidade grega foi forjado apenas quando as cidades-Estado isoladas se juntaram para enfrentar a ameaça apresentada pela Pérsia, sob o comando de Dario e seu filho Xerxes, nos primeiros anos do século V a. C. Os gregos adotaram então a descrição de “bárbaro” para seu inimigo comum. Eles diziam que os *barbaroi* gagueavam como idiotas, ou que balbuciavam como nenéns, ou grunhiam como animais – *bar bar*. Daí o nome. Termos mais refinados e corteses para estrangeiros, heterophone, “outra fala” e allogloss, “outra língua”, insistiam na primazia dos gregos. A marca inicial dos bárbaros era uma deficiência de linguagem (KUPER, 2008, p. 41-42).

Após a derrota, Xerxes retorna para o Planalto Iraniano e termina sua vida construindo e ornando palácios. Morre assassinado por dois conselheiros e foi sucedido por Artaxerxes (Artaxerxes I Longímanso).

⁹ Esta batalha foi o tema do filme 300 (o filme) de 2007.

A partir da segunda guerra médica, o Império Persa entra num processo de lento declínio, que teve como fator motivador mais causas internas do que propriamente o desgaste na guerra com os gregos. Vários reis persas ainda iriam interferir nos assuntos gregos e suas guerras, mas o projeto de subjugação da Grécia não foi retomado.

Várias rebeliões internas, corrupção, disputadas dinásticas e palacianas terminaram por minar boa parte da força do império. De 464 a 330 a. C., oito reis persas dirigiram o império, que, cada vez mais, mostrou sinais de insuficiência e incapacidade de lidar com os problemas crescentes (AYMARD; AUBOYER, 1998).

No século IV a. C., a querela com os gregos é retomada sob outro prisma, agora por iniciativa de uma nação que se considerava culturalmente grega e militarmente superior às cidades clássicas da Grécia, notadamente, Atenas e Esparta. Essa nação que despontava no cenário político da época no mundo mediterrânico era a Macedônia, que ironicamente, no passado, na época das Guerras Médicas, já havia sido subjugada pelos persas e, inclusive, vivera como reino subjugado durante um período.

No entanto, a partir do reinado de Filipe II, a Macedônia, gradativamente, passou a especializar-se na arte da guerra e no desenvolvimento de novas técnicas e armas, que lhe garantiram um crescente poder militar e político. Esse projeto foi continuado após o assassinato de Filipe II por Alexandre, o Grande, seu filho e herdeiro.

O último rei persa, ou rei aquemênida, foi Dario III, que governou de 336 a 330 a.C. Ele ficou conhecido com o rei que perdeu o império. Após enfrentar várias revoltas internas com dificuldades cada vez mais crescentes, não conseguiu resistir à invasão macedônica. Morreu assassinado pelo sátrapa Besso durante a perseguição promovida por Alexandre, o Grande, que intencionava capturar Dario III. Uma de suas filhas, chamada Estatira, inclusive, casou-se com Alexandre (SÁNCHEZ, 2011).

O Planalto Iraniano após o fim do Império Persa (Império Aquemênida)

Após a morte de Alexandre Magno, em 323 a. C., o Planalto Iraniano, sede da antiga dinastia Aquemênida, se viu envolvido num emaranhado de guerras e disputas que assolou toda a região mediterrânica e a maior parte do mundo antigo euroasiático (BRIANT, 2010).

Alexandre queria dominar o “mundo inteiro”, ir até a China, subjugar Cartago, Índia e mesmo Roma, esta última, registre-se, que na sua época ainda não era um grande império. Começou a expansão dominando o Império Persa e avançou um pouco sobre a Índia. Morreu com seu projeto de conquista inacabado e nunca mais retomado por nenhum de seus sucessores.

Após sua morte, os destinos do Planalto Iraniano foram absorvidos no conjunto das disputas helenísticas e, durante séculos, fundiu-se a um dos novos reinos que foram criados pelos sucessores de Alexandre, o Império Selêucida, até que séculos depois recuperou sua autonomia (SÁNCHEZ, 2011).

Pérsia Helenística (Período Selêucida)

Após a queda do Império Persa, adveio o domínio macedônico, que foi marcado pela constante presença de guerras. A morte precoce de Alexandre, com 33 anos incompletos, em 323 a. C. precipitou um posterior desenrolar de inúmeras guerras que envolveram todo o mundo mediterrâneo (MOUREAU, 1978).

Os generais de Alexandre, chamados diádocos, dividiram o império por ele conquistado em vários reinos, e o primeiro século após sua morte foi marcado por uma ampla gama de conflitos militares entre os generais sucessores de Alexandre e os herdeiros desses generais, chamados epígonos, que mergulharam o mundo antigo mediterrâneo num cenário de constante beligerância, incluindo a Pérsia.

Ao fim deste conturbado período, o Planalto Iraniano ficou sob domínio do reino Greco-macedônico dos selêucidas. Esse período é conhecido também como época do domínio helenístico. O Império Greco-macedônico Selêucida teve vida conturbada e relacionamento difícil com os outros reinos helenísticos do Egito Ptolomaico, o Reino de Cassandro e Lisímaco na Europa. Contudo, após inúmeras partilhas e rearranjos, o Planalto Iraniano ficou no Império Selêucida até 250 a. C.

Em 250 a. C., o domínio selêucida sobre o Planalto Iraniano foi subtraído pela ascensão de um novo reino ariano na Ásia, os Partos, governados pela dinastia Arsácidas. Inicialmente eles dominaram apenas margens meridionais do mar Cáspio, mas após a derrota do Império Selêucida para os romanos eles firmaram-se e conquistaram o Planalto Iraniano (MOUREAU, 1978).

O Império Parta (Partia)

Originalmente, os partos era um povo nômade que vivia na região do Planalto Iraniano. Posteriormente foi incluído no Império Persa como uma satrapia, período durante o qual esse povo conheceu certo florescimento. Na época da invasão macedônica eles foram subjugados e, depois, incluídos como uma satrapia do Império Selêucida. Na época selêucida, chamava-se *Partiana* (ARAUJO, 2018).

Em 247 a. C., a Partiana organizou uma revolta contra o rei Selêucida Antioco II, que foi liderada por Arsaces (Arsácio I), que, após a vitória, estabeleceu um novo reino e uma nova dinastia: os Arsácidas.

O Império Parta expandiu-se rapidamente e ocupou vastos territórios, que iam desde a Mesopotâmia até a Índia, e, semelhante aos persas, também dividiam seu reino em satrapias. A capital do Império Parta foi a cidade de Ecbatana.

O Império Parta se envolveu em várias guerras com Roma, que, nesta época, era um império em plena expansão e interferia cada vez mais nos assuntos do Oriente Médio e do Planalto Iraniano. Roma, porém, nunca conseguiu vencer o Império Parta e os dois, regularmente, terminavam os conflitos com equilíbrio de poderes na região. Os romanos nunca conseguiram impor nenhum domínio ao Império Parta (MOUREAU, 1978).

Durante o reinado de Artabano III, o Império Parta enriqueceu muito devido a uma agricultura de êxito e ao comércio. Nesta época, os partos souberam tirar proveito da Rota da Seda, que levava produtos de luxo chineses para serem vendidos aos romanos.

O fim do Império Parta deveu-se a uma guerra civil que solapou as bases de seu regime e de seu governo. Em 224 a. C., os Arsácidas foram derrotados e uma nova dinastia subiu ao poder, os Sassânidas.

Durante a existência do Império Parta (247 a. C. a 224 d. C) é preciso ressaltar que eles restabeleceram a autonomia política do Planalto Iraniano, e também absorveram as culturas que circulavam na região. Deste modo, apesar de inúmeras demonstrações de filo-helenismo e de outras influências ocidentais, os partos destacaram-se na produção de uma arte e arquitetura original. Sublinham-se, também, os trabalhos artesanais com o marfim (MOUREAU, 1978; DABAT, 1995; BORGONGINO, 2023).

O Império Sassânida

Os sassânidas foram um povo persa que conseguiu dominar o Planalto Iraniano e subjugar os Partos. Eles fundaram uma nova dinastia, que permaneceu vigorosa e poderosa por mais de quatro séculos (224 a 651), até o domínio muçulmano (MOURRE, 1998).

No período áureo, o Império Sassânida se estendia por uma vasta área que ia desde a Síria até a Índia, da Geórgia até o Golfo Pérsico. Suas fronteiras ocidentais sempre estiveram em conflito com os romanos e, posteriormente, com o Império Bizantino. Eles desenvolveram um exército bem equipado e eram reconhecidos como notáveis cavaleiros.

Os sassânidas herdaram o território da Pérsia Aquemênida e a Partiana. Eram inimigos declarados dos partos, a quem consideravam usurpadores estrangeiros afeitos à influência grega e helenística da época de Alexandre e dos selêucidas. Para tanto, declararam-se legítimos herdeiros dos aquemênidas e intencionavam restabelecer a glória da época de Ciro, o Grande, e Dario.

Durante sua existência, o Império Sassânida foi feroz opositor dos romanos e do Império Bizantino. Adotou o mazdeísmo (ou zoroastrismo) como religião oficial, que perdurou até o século VII d. C. No plano social, os sassânidas substituíram o “feudalismo” parto por um governo centralizado e altamente hierarquizado, reorganizando as províncias e colocando cada uma delas sob o governo de um príncipe sassânida (MOUREAU, 1978; DABAT, 1995; BORGONGINO, 2023).

O auge do poder sassânida ocorreu sob o reinado de Cósroes I (531 a 579), que invadiu a Síria, conquistou a Antioquia e deportou os famosos artífices do metal para suas terras. Mas seu filho, Cósroes II, excedeu-se ao invadir o Império Bizantino, Jerusalém e Egito, além de tentar invadir a cidade de Constantinopla. Tais aventuras militares fragilizaram suas forças, principalmente após o revide dos bizantinos, que abriram brecha para a invasão dos árabes muçulmanos que vinham do sul.

Os árabes tiveram vitórias decisivas e significativas após 611, e em 637, arruinaram o exército persa e tomaram sua capital. Outra vitória árabe em 642 abriu o caminho para o domínio do Planalto Iraniano. Em poucos anos, os árabes conseguiram dominar inteiramente o planalto. Em 651 deu-se a derrota final e o Irã tornou-se parte do Império Islâmico, e gradualmente islamizou-se cultural e religiosamente, situação que não teve mais reversão (MOURRE, 1998).

Considerações finais

Após uma passagem pela história do Planalto Iraniano, alguns aspectos se destacam a título de considerações finais.

Primeiro, que o ensino de história antiga precisa avançar neste aspecto. Não é muito preciso, aliás, é bastante vago, ensinar apenas a história da Pérsia e esquecer-se do que ocorreu no Planalto Iraniano antes e depois dos persas. Novamente, a história do Planalto Iraniano não se resume à história dos persas, conforme este artigo procurou demonstrar.

Segundo, a julgar por vários livros didáticos e, até mesmo, alguns manuais de história, a história do Império Persa precisa estar devidamente contextualizada no movimento mais amplo da história da região do Oriente Médio e da bacia do mediterrâneo, devidamente conectada com as migrações arianas, etc.

Terceiro, com relação à história da Pérsia, é preciso ficar atento ao fato de que muitas fontes, filmes e relatos, com os de Heródoto, são registros de outros povos sobre os persas, portanto, geralmente contêm visões distorcidas e até preconceituosas; logo, é preciso fazer essa ponderação e repassar isso aos estudantes, para que compreendam que todos os relatos históricos são construções humanas e refletem parte das concepções de cada autor.

O quarto e último aspecto diz respeito à formação da chamada cultura ocidental, ou Civilização Ocidental, como preferem alguns. Abordamos, neste artigo, que gregos e persas foram povos com ascendência comum nos indo-europeus e depois se diferenciaram. Foi durante as guerras médicas que a identidade inicial do Ocidente ganhou forma e sua primeira manifestação histórica.

Para todos aqueles que lidam com o ensino de história, tanto no Brasil quanto nos demais países ocidentais, é fundamental compreender a relação da Pérsia, e dos outros povos do Planalto Iraniano, com os gregos e outros povos europeus na antiguidade. Não pressupor um “outro homogêneo” do lado oriental. Afinal, foi naquele momento, com as relações greco-pérsicas, que a cultura ocidental se formulou, conhecendo-se posteriormente um longo desenvolvimento que chega até nós. Portanto, a precisão é basilar para uma compreensão adequada dessa cultura (BURUMA; MARGALIT, 2006).

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, S. **Os iranianos**. São Paulo: Contexto, 2014.

ALVES, T. M. **A ameaça iraniana em xeque: uma leitura pós-colonial sobre o Irã**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 2013.

ARAUJO, M. T. M. A Pártia e os partos nos anais de Tácito. **Mare Nostrum**, v. 9, n. 1, 2018.

ASHERI, D. **O Estado Persa**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ASSUMPÇÃO, L. F. B. de; COSTA CAMPOS, C. E. da. O livro didático e o Ensino de História Antiga—desafios no presente e problemas do passado. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, v. 2, n. 6, 2020.

AYMARD, A.; AUBOYER, J. A Civilização da Pérsia Aquemênida. *In*: CROUZET, M. (dir.). **História Geral das Civilizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. v. 1.

BARNABÉ, L. E. História antiga e livros didáticos no século XXI: inovações e permanências. **Revista Alétheia**, v. 9, n. 2, p. 31-40, 2014.

BORGONGINO, B. U. (org.). **Para além do Ocidente cristão: outras Idades Médias?** Recife: Ed. UFPE, 2023.

BRAUDEL, F. **Gramática das civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRIANT, P. **Historie de L'Emprie Perse: de Cyrus à Alexandre**. Paris: Fayard, 1996.

BRIANT, P. **Alexandre, o Grande**. Porto Alegre: L&Pm Pocket, 2010.

BROSIUS, M. **Persians: An Introduction**. London/New York: Routledge, 2006.

BURNS, E. M. **História da Civilização Ocidental**. 38. ed. São Paulo: Editora Globo, 1997. v. 2.

BURUMA, I.; MARGALIT, A. **Ocidentalismo: o Ocidente aos olhos de seus inimigos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CAROLA, R. C. Meio Ambiente. *In*: PINSY, C. B. (org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009.

CASSIANO, C. C. F. Política e Economia do Mercado do Livro Didático no Século XXI: globalização, tecnologia e capitalismo na Educação Básica Nacional. **Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas**, p. 83, 2017.

CAUTI, S. Pérsia: o império multicultural. *In*: **Aventuras na História**. São Paulo: Editora Abril, 2015. ano 12, p. 46-49.

CIFUENTES, E. Q. **Gramática de la Lengua Elamita**. Madrid: Vision Libros, 2013.

CULICAM, W. **Medos e Persas**. Lisboa: Verbo, 1971.

DABAT, C. R. A transferência dos conceitos de feudalismo e de modo de produção feudal a regiões não-europeias. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 11, n. 2, 1995.

DANIEL, G. **The First Civilizations: The Archaeology of Their Origins**. New York: Thomas Y. Crowll, 1970.

DARYAEE, T. (ed.). **The Oxford Handbook of Iranian History**. New York: Oxford University Press, 2012.

DORTIER, J. F. **Dicionário de Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERNANDES, M. F. L.; ROVAI, M. L.; LANDINI, T. S. **Civilização: Sentidos e paradoxos**. São Paulo: Editora da Unifesp, 2014.

FRANCO JR., H.; FILHO, R. O. A. **Atlas de História Geral**. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

FUNARI, P. P. A importância de uma abordagem crítica da História Antiga nos livros escolares. **Revista História Hoje**, v. 4, p. 1-6, 2004.

FUNARI, P. P.; SILVA, G. J; MARTINS, A. L. (org). **História Antiga: contribuições brasileiras**. São Paulo: Annablume, 2008.

GHIRSHMAN, R. **L'Iran des origines à l'Islam**. Paris: Éditions Albin Michel, 1976. 376 p.

GIORDANI, M. C. **História da Antiguidade Oriental**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1992.

HALICARNASSO, H. **História**. São Paulo: Ediouro, Tradução: José Brito Broca, 2001.

HALL, J. M. Quem eram os gregos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, II: 213-225, 2001.

HAMDANI, A. **Suméria: A Primeira Grande Civilização**. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1978.

HOLLAND, T. **Fogo Persa**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

JAGUARIBE, H. **Um Estudo Crítico da História**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002. v. 2.

JASPERS, K. **Origen y meta de la Historia**. Madrid: Revista de Occidente, 1965.

KUPER, A. **A reinvenção da sociedade primitiva: transformações de um mito**. Recife: Editora da UFPE, 2008.

LEAKEY, R. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LEICK, G. **Historical Dictionary of mesopotâmia**. 2. ed. Toronto: The Scarecrow Press, Inc., 2010.

LEVEQUE, P. **Las primeras civilizaciones**. Madrid: Madrid: Akal Ediciones, 1991.

LIVERANI, M. **Para além da Bíblia: história antiga de Israel**. São Paulo: Loyola/Paulus, 2008.

MACKEY, S. **Pérsia, Islã e a Alma de uma Nação**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 2008.

MEDINA, S. F. **Dicionário de História da Civilização**. Porto Alegre: Editora Globo, 1968.

MORALES, F. A. Por uma didática da História Antiga no ensino superior. **Mare Nostrum**, v. 8, n. 8, p. 79-114, 2017.

- MOUREAU, J-J. **A Pérsia dos Grandes Reis e de Zoroastro**. Rio de Janeiro: Editora Forni, 1978.
- MOURRE, M. **Dicionário de História Universal**. Lisboa: Edições ASA, 1998. v. 3.
- MUKHERJEE, S. **O imperados de todos os males: uma biografia do câncer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIZAMI. **Laila & Majnun: a clássica história de amor da literatura Persa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- ONCKEN, G. **História Universal: história da antiga Pérsia**. Lisboa: José Bastos, 1930. v. 2.
- PARKER, G. (ed). **Atlas da História do Mundo**. São Paulo: Editora da Folha de São Paulo, 1995.
- PASTENAK, C. (org.). **O que nos torna humanos?** Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.
- PINSKY, J. **100 textos de História Antiga**. São Paulo: Global, 1980.
- PINSKY, J. **As Primeiras Civilizações**. São Paulo: Atual, 1994.
- PINTO, F. R. C. **Revivendo o Império Persa: nacionalismo, modernização e discurso histórico em Mohammad Reza Pahlavi (1960-1967)**. São Paulo: Dissertação de História: Unifesp, 2018.
- SÁNCHEZ, J. P. **Breve historia de los Persas**. Madrid: Ediciones Nowtilus, 2011.
- SANTOS, A. R. Os cassitas: esses desconhecidos? *In: Cadmo (Revista de História Antiga)*, Lisboa, Universidade de Lisboa, n. 21, p. 51-59, 2011.
- SCHRAKAMP, I. L. *In: The Encyclopedia of Ancient History*. 2012, [online].
- SILVA, Gilvan Ventura da. História Antiga e livro didático: uma parceria nem sempre harmoniosa. **Dimensões**, n. 11, 2000.
- SPEAKE, G. (ed.). **Diccionario de Historia del Mundo Antiguo**. Madrid: Akal Ediciones, 1999.
- TRIGGER, B. G. **Understanding Early Civilizations: a comparative Study**. Cambridge University Press, 2003.
- WEBER, A. **História Sociológica da Cultura**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

CRedit Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Parcialmente ao CNPq. Bolsa de Iniciação Científica para o terceiro autor.

Conflitos de interesse: Não aplicável.

Aprovação ética: Não aplicável.

Disponibilidade de dados e material: Não aplicável.

Contribuições dos autores: O primeiro autor foi o responsável pelas questões teóricas e históricas e redação inicial do referido artigo. A segunda autora colaborou na ampliação da discussão educacional. A terceira autora contribuiu com levantamento de fontes, escrita e revisão final do texto.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.



Apêndice I

Reis da Pérsia Aquemênida

Dinastia Aquemênida

	Nome do Rei	Data do Reinado	Principais Realizações
01	Hakamanish (Aquêmenes em Grego)	c. 705 -605 a.C.?	Figura provavelmente histórica envolta em lendas. É citado na Inscrição de Behistun. É considerado o ancestral epônimo que deu nome a dinastia Aquemênida e o primeiro rei Persa e fundador da dinastia Aquemênida.
02	Teipes de Anshan (Cidade de Anshan ou Anzan, atual Tepe Malyan – Tall-i Malyan – no Irã)	? – C. 640 a.C.	Filho de Aquêmenes e rei da cidade Anshan. É citado na Inscrição de Behistun e no Cilindro de Ciro. Teve provavelmente dois filhos que deram origem a dois ramos da dinastia aquemênida. Foram seus filhos: Ciro I e Araramnes.
05	Ciro I	640 – 580 a.C.	Filho de Teipes de Anshan e neto de Aquêmenes. Foi rei de Anshan. Considera-se que Ciro I terminou sua vida como vassalo dos reis Medos Ciaxares ou seu filho Astíages. Foi sucedido por seu filho Cambises I.
06	Cambises I de Anshan – Cambises o Velho	580 – 559 a.C.	Foi rei persa de Anshan, pai de Ciro II, o Grande, o fundador do Império Persa. É citado no Cilindro de Ciro e na Ciropédia. Na sua época os persas ainda eram vassalos dos Medos. Casou-se com Mandane, filha do rei Meda Astíages. Ele e seu filho Ciro II lutaram contra o domínio Meda sobre os persas. Foi sucedido por seu filho Ciro II, o Grande.
07	Ciro II, o Grande	559 a 529 a.C.	Filho de Cambises I e da princesa Meda Mandane e neto do rei Meda Astíages, a quem derrotou e tornou-se rei dos Persas e dos Medos. Ao que tudo indica, Ciro contou com o apoio de parte da nobreza Meda que estava insatisfeita com o rei Astíages. Destacou-se por seus feitos militares que tornou a Pérsia o centro do maior império até então constituído. Dominou a Lídia e a Babilônia. Foi o rei que liberou os Judeus do Cativo Babilônico e autor do Cilindro de Ciro. Morreu na Batalha dos Massagetas. O grego Xenofonte escreveu um livro sobre ele chamado Ciropédia. Foi sucedido por seu filho Cambises II.
08	Cambises II – Cambises o Novo	529 a 522 a.C.	Filho mais velho de Ciro II, o Grande. Seu reinado inicia-se em 529 e sua maior realização foi à conquista do Egito durante o reinado do faraó Psamético III na famosa batalha de Pelusa. Mandou matar seu irmão mais novo chamado Esmérdis. Esfaqueou o touro sagrado dos egípcios chamado Ápis, o que resultou em grave ofensa as crenças religiosas egípcias. Morreu numa viagem quando retornava do Egito para a Pérsia para combater uma revolta. Não deixou filho e foi sucedido pelo mago Gaumata, que se passou por seu irmão Esmérdis. Gautama assumiu o trono durante um curto período e foi destronado por Dario I.
09	Mago Gaumata (Pseudo-Esmérdis, ou Pseudo-Bardia)	522 a. C.	Bardia (ou Bardiya) era o filho mais novo de Ciro II, o Grande, e foi assassinado a mando do seu irmão Cambises II. O mago Gaumata se passou por ele durante o período em que Cambises estava ocupado com a campanha militar que resultou no domínio do Egito e tomou o trono persa com ajuda de alguns nobres. Quando soube do usurpador Cambises II iniciou uma viagem de volta a Pérsia para depô-lo, porém

			morreu no caminho. Segundo a Inscrição de Behistun Gaumata reinou durante sete meses (11/03/522 a 29/09/522). Foi assassinado por uma conspiração de Dario I e mais seis nobres persas.
11	Dario I, o Grande	522 a 486 a.C.	Autor da Inscrição de Behistun. Foi um grande consolidador. Foi o responsável pela organização administrativa do Império Persa dividindo-o em satrapias. Criou uma moeda única para o império, o que facilitou o comércio, além da famosa Estrada Real. Iniciou a guerra com os gregos e acabou derrotado. Essa primeira guerra com os gregos ficou conhecida como Primeira Guerra Médica. Ele era um parente próximo de Cambises II e pertencia a uma das mais poderosas famílias aquemênidas.
12	Xerxes I	485 a 465 a.C.	Filho de Dario I e neto de Ciro II, o Grande. Autor da inscrição de Xerxes. É mencionado na Bíblia como Assuero (Cf. Esdras, 4-6). Sufocou uma rebelião no Egito e uma na Babilônia que inclusive ele mesmo provocara. Organizou poderoso contingente militar para vingar a derrota de Dario I, seu pai, e punir os gregos continentais. Esse episódio deu origem à Segunda Guerra Médica. Foi nessa guerra que ocorreu o famoso episódio dos 300 de Termópilas. Ao término da guerra os persas foram novamente derrotados na Batalha de Salamina e na Batalha de Plateia. Xerxes retornou à Pérsia, de onde mais não interferiu na vida política da Grécia.
13	Artabano da Pérsia (Artabano de Hircania)	465 a 464 a.C. (Sete meses)	Foi regente do jovem imperador Artaxerxes I e provavelmente um dos assassinos de Xerxes I juntamente com o eunuco chamado Aspamitres. Após o assassinato eles teriam acusado Dario, filho mais velho de Xerxes I, e incitado o irmão mais novo Artaxerxes a matar Dario e assumir o trono. Governou durante sete meses até Artaxerxes assumir o trono. Por fim, tudo indica que Artabano e seus companheiros de conspiração tentaram matar também Artaxerxes I, que com o auxílio de seu cunhado Megabizo, mandou matar Artabano e seus comparsas.
14	Artaxerxes I Longímanso	464 a 424 a.C.	Registra a história que ele tinha a mão direita maior que a esquerda, daí seu cognome de Longímanso. Enfrentou várias rebeliões durante seu reinado. Tentou uma política de enfraquecimento do poder naval grego sem grande sucesso. Foi ele o rei responsável pela acolhida do general grego Temístocles, responsável pela vitória grega na Segunda Guerra Médica. No início da Guerra do Peloponeso os gregos atenienses e espartanos pediram o apoio de Artaxerxes I que morreu sem se decidir qual cidade apoiar. Era praticante do zoroastrismo. Nomeou o sacerdote judeu Esdras como responsável por assuntos civis da nação judaica. Foi o rei que finalizou a construção da Sala das Cem Colunas. Teve várias esposas. Foi sucedido por Xerxes II.
15	Xerxes II	424 a 423 a.C.	Era filho e herdeiro legítimo de Artaxerxes I Longímanso. Governou por apenas 45 dias. Foi assassinado por um meio-irmão chamado Sogdiano.
16	Sogdiano	423 a.C.	Era filho de Artaxerxes I Longímanso com uma concubina da Babilônia chamada Alogina. Foi o responsável pelo assassinato de Xerxes II e governou por seis meses e quinze dias. Foi assassinado por seu meio-irmão chamado Oco.
17	Dario II Nótus	423 a 404 a.C.	Era filho de Artaxerxes I Longímanso com uma concubina da Babilônia chamada Cosmartidene. Foi o responsável pelo assassinato de Sogdiano. Dario era casado com sua meia-irmã chamada Parisatis, filha de Artaxerxes I Longímanso. Tomou parte da Guerra do Peloponeso a favor de Esparta. Retomou algumas cidades gregas da Ásia que foram reincluídas no

			domínio persa. Enfrentou várias revoltas durante seu reinado, incluindo uma no Egito e outra na Babilônia. Foi sucedido por seu Filho Artaxerxes II Mnêmon.
18	Artaxerxes II Mnêmon	404 a 358 a. C.	Ele era o filho mais velho de Dario II e Parisatis, assim, um neto de Artaxerxes I Longímanso. Ele era casado com Estatira e com ela teve os filhos Dario e Artaxerxes III Oco. Teve um reinado longo e conturbado. Diz-se que teve 360 concubinas e aproximadamente 115 filhos. Era considerado ineficiente, o que contribuiu muito para o enfraquecimento do Império Persa. Seu reinado foi marcado pela perda do Egito. Foi sucedido por Artaxerxes III Oco.
19	Artaxerxes III Oco	358 a 338 a.C.	Era filho de Artaxerxes II com Estatira. Seu reinado foi caracterizado por uma luta contínua para a manutenção do Império Persa. Recuperou o domínio sobre o Egito após uma campanha marcada por muita crueldade e profanação dos templos egípcios. Morreu aos 94 anos de idade. Uma de suas filhas, chamada Parysatis, casou-se posteriormente com Alexandre Magno. Durante seu governo parte do domínio de Atenas sobre o mar Egeu foi transferido para os persas. Durante seu reinado a Macedônia, governada por Filipe II, se torna um reino forte, independente e militarmente equipado. Foi sucedido por seu filho Artaxerxes IV.
20	Artaxerxes IV	338 a 336 a.C.	Era o filho mais novo do rei Artaxerxes III Oco. Apesar de seu reinado curto, foi nele que os elementos definitivos para o declínio e ruína do Império Persa foram lançados e consolidados. Envolveu-se com inúmeros atritos com Filipe II da Macedônia. Tudo indica que morreu envenenado por Bagoas, influente ministro da Corte. Foi sucedido por Dario III.
21	Dario III	336 a 330 a.C.	Foi o último rei aquemênida. Era primo de Artaxerxes IV. Foi durante seu reinado que o Império Persa foi conquistado por Alexandre Magno. Teve duas filhas que se casaram com Alexandre Magno e outra com o general de Alexandre chamado Heféstion. Apesar de conseguir conter algumas revoltas não conseguiu resistir à invasão macedônica liderada por Alexandre. Morreu assassinado pelo sátrapa Besso durante a perseguição promovida por Alexandre Magno que intencionava capturar Dario III.